



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

TATIANE GONZAGA PEREIRA

A ESSENCIALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

ARAXÁ – MG
2021



TATIANE GONZAGA PEREIRA

A ESSENCIALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

Trabalho de Conclusão de Curso - Memorial de Formação apresentado como requisito final de avaliação de conclusão do curso de Pedagogia, modalidade a Distância da Universidade Federal de Uberlândia.

Polo: Araxá - MG

Profa Orientadora: Sônia Maria dos Santos

ARAXÁ – MG
2021



A ESSENCIALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

TCC a ser aprovado para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, modalidade a Distância da Universidade Federal de Uberlândia (MG) pela banca examinadora:

Araxá, 2021.

Professora: Dra Sônia Maria dos Santos



.
Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me deu forças e sabedoria para vencer mais uma etapa de minha vida.

Dedico ao meu esposo que me proporcionou todo apoio e suporte necessários para eu chegar até aqui.

Dedico também a todos os envolvidos que contribuíram diretamente e/ou indiretamente para realização desse sonho.

RESUMO ¹

Este Memorial de formação retrata minha trajetória educacional desde a vida estudantil, profissional até a formação acadêmica em Pedagogia, abordando os pontos relevantes dos encontros e desencontros que me guiaram para a área da Educação, apresentando as recordações desde a infância até os dias atuais, pontuando as pessoas e fatos que fizeram a diferença nas experiências e saberes adquiridos no processo de construção do conhecimento durante o período de formação e aprendizagem. Além do mais, no desenvolvimento do memorial há uma tratativa ao tema: “A Essencialidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA”, modalidade de ensino que apresenta múltiplas dimensões envolvidas na educação do jovem e adulto e suas diferentes abordagens, tendo como objetivo favorecer o acesso à educação àqueles que, por diferentes motivos, não conseguiram terminar o ensino fundamental e/ou médio em idade escolar.

Palavras- chave: Memória. Educação. EJA.

¹ O Trabalho de conclusão de Curso “A Essencialidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA”, teve o seu desenvolvimento produzido pela Graduanda Concluinte do curso de Pedagogia da (UFU) Tatiane Gonzaga Pereira, em conjunto com a Graduanda Concluinte do curso de Pedagogia da (UFU) Márcia Abadia dos Santos Silva com o Trabalho de Conclusão de Curso “A Excelência da Educação de Jovens e Adultos - EJA”. Sendo os mesmos idênticos em toda sua parte referencial teórica, excetuando os memoriais descritivos formativos que são de cunho pessoal.

SUMÁRIO

1 MEMORIAL: TATIANE GONZAGA PEREIRA.....	07
1.1 QUEM SOU EU	07
1.2 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA	08
1.3 ESCOLAS QUE ESTUDEI- MINHAS INFLUÊNCIAS	09
1.4 O ÍNICIO DA ALFABETIZAÇÃO	10
1.5 O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO.....	11
1.6 O CURSO SUPERIOR	15
1.7 A EJA E A TUTORIA.....	16
1.8 A GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA	18
2 INTRODUÇÃO: A ESSENCIALIDADE DA EJA	19
2.1 METODOLOGIA.....	20
3 CONTEXTUALIZANDO A EJA POR MEIO DE SUA HISTÓRIA	21
3.1. A DIVERSIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA.....	24
3.2 A POTENCIALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO	27
3.3 A PRÁXIS EDUCATIVA NA MODALIDADE EJA	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 MEMORIAL: TATIANE GONZAGA PEREIRA

Escrever este memorial é algo ímpar, transcrever lembranças e situações que há muito tinha dado como esquecidas, literalmente foi um exercício de reminiscência. Este memorial é um relato que reconstrói meu longo caminho de trajetória pessoal escolar. A construção desse memorial teve como objetivo a reflexão de minhas memórias, minha história de vida, minha identidade, por meio de um processo de análise das minhas vivências pessoais, profissionais e acadêmicas. Na elaboração do mesmo foi realizado um exercício de autoconhecimento, emaranhado com as reflexões sobre os processos educativos vivenciados durante toda minha escolarização, assim como a descoberta de que todos os caminhos tomados inconscientemente ou conscientemente me levaram a está aqui hoje, finalizando o processo formativo para enfim exercer minha verdadeira vocação.

1.1 QUEM SOU EU

Nasci em 08 de março de 1987, coincidentemente na data comemorativa do dia Internacional da Mulher, quando criança achava o máximo está vinculada a esta data, na adolescência não gostava muito, pois acreditava que os entes queridos só lembravam que era meu aniversário devido à vinculação, na vida adulta a correria é tamanha, que por diversas vezes me peguei lembrando a proximidade do meu aniversário justamente por meio da vinculação das datas, e essa é apenas uma ironia da vida, que comprova como “somos seres inacabados e que estamos em constante transformação” (FREIRE, 1998).

Meu nascimento e criação se deram em uma cidade localizada no Norte de Minas Gerais, literalmente “Eu vim de lá do interior”. O Norte de Minas é a segunda região mais pobre do estado, ficando atrás apenas do Vale do Jequitinhonha, sendo um local carente de muitos recursos, a ponto de quase ficar abaixo da linha da pobreza; com menos de 30 mil habitantes, é uma cidade predominante “quente”, atingindo a sensação térmica de até 40º graus nas épocas mais calorosas, uma cidade pacata que há anos sofre com a negligência dos órgãos governamentais.

Em meio a várias turbulências, como muitos outros jovens eu cresci, tive uma excelente educação de berço, meus pais sempre nos ensinaram a ter caráter, dignidade, honestidade e responsabilidade, mostrando-nos a importância da educação. Venho de uma base familiar bem humilde, sendo a segunda de três filhos, tenho uma irmã mais velha e um irmão caçula, a diferença de idade é irrisória sendo pouco mais de 01 ano para cada irmão.

Apesar das dificuldades, não me lembro de infelicidades, era uma criança alegre e extrovertida, além de muito estudiosa.

Essa sou eu! Filha, irmã e esposa, uma pessoa que sempre lutou muito para alcançar seus objetivos, sempre na crença que a educação é um instrumento capaz de transformar uma sociedade.

1.2 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA INFÂNCIA

Relacionar-se com outras pessoas é essencial para o desenvolvimento humano, na infância essa interação com os adultos do convívio familiar e com outras crianças é capaz de agregar saberes, valores e influências que perdurarão por toda a vida. Tive uma infância plena, a convivência com os familiares, amigos e vizinhos contribuíram positivamente no meu processo educativo. É nostálgico relembrar de tantas pessoas que fizeram a diferença em sua passagem em minha vida, alguns conviveram por um breve tempo e se foram, outros permanecem até os dias atuais.

Quando criança meus pais trabalhavam fora em uma fazenda na zona rural, minha mãe trabalhava todos os dias, exceto aos domingos, já meu pai era raro folgar até aos domingos. Mesmo com muitas responsabilidades, brincávamos muito. A tecnologia e os brinquedos industrializados não fizeram parte da minha infância, assim a imaginação era constante, meus irmãos e eu produzíamos os próprios brinquedos, fazíamos carrinhos de latas de óleo de soja, bonecos com pedaço de madeiras, bolas com meias e retalhos velhos, além de reciclar o “lixo dos vizinhos” em busca de materiais plásticos para transformar em panelinhas, tais como recipientes de margarina, extrato de tomate e outros. Não havia limite para imaginação e criação dos mesmos.

Os jogos eram constantes, juntávamos com as outras crianças que moravam no mesmo bairro e brincávamos de queimada, bets, brincadeiras de roda, pular amarelinha, pula corda, pega-pega, esconde-esconde, polícia e ladrão, carrinho de rolimã (confeccionado com latas de óleo de soja), pipa, casinha, rouba bandeira, enfim, era uma infinidade de brincadeiras sendo o único recurso necessário “a imaginação”.

Os aprendizados com as brincadeiras eram constantes, pois através do brincar fiz ensaios para a vida adulta, criando para mim a autonomia para tomar decisões e resolver conflitos. Foi no brincar que pude reproduzir minha vida, meu dia a dia, vivendo nos jogos e brincadeiras meu mundo de fantasia, de imaginação, além do aprendizado cultural, uma vez que brincava com as mesmas brincadeiras da época de infância dos meus pais.

1.3 ESCOLAS QUE ESTUDEI- MINHAS INFLUÊNCIAS

Toda minha vida escolar foi na rede pública de ensino, na minha infância não possuíamos casa própria, morávamos em casas alugadas, motivo pelo qual constantemente mudávamos de casa, fato que cominava com as mudanças de escolas para que a proximidade entre a casa e a escola fosse menor, uma vez que, não possuíamos condução veicular e íamos a pé (caminhando) ou de bicicleta estudar. Assim frequentei várias escolas até a conclusão do ensino médio, cursei o pré-escolar na Escola Municipal Castelinho de Areia; da 1º a 3º série do ensino fundamental na Escola Estadual Geraldo Sanguinette; a 4º série e o 5º ano do fundamental na Escola Estadual Joaquim de Paula Ferreira; do 6º ano do fundamental ao 1º ano do ensino médio na Escola Estadual Emilia de Paula e por fim 2º e 3º ano do ensino médio na Escola Estadual Joseph Hein.

Minha família foi à principal e grande influenciadora na minha educação, cada integrante com sua particularidade. Meus pais me proporcionaram uma excelente educação nos quesitos de valores morais, ética, caráter e empatia ao próximo, minha mãe possuindo apenas o primário (antiga 4º série), cenário que mudaria anos mais tarde, sempre nos ensinou o que sabia, mesmo que ainda não estivéssemos em idade escolar, lembro-me que sempre cantava para nós e ficávamos por horas à noite ouvindo músicas, fato que me ajudou a trabalhar a memória e melhorou meu vocabulário.

O que dizer da minha irmã mais velha, quando chegávamos à nossa casa, após um dia de aula, ela me ensinava tudo que havia aprendido no dia em sala de aula, brincávamos de aulinha, como estava um ano/série na minha frente, ela era a professora e eu a aluna. Como meus pais trabalhavam, minha irmã e eu ficávamos com as tarefas domésticas simples e cuidados ao meu irmão caçula, na época tínhamos as idades de 08, 07 e 06 anos respectivamente, sempre havia um vizinho adulto que nos acompanhava e orientava sobre os horários, tal como o de ir para a escola. Não foi uma infância fácil, porém não acredito que tenha me tirado o direito de infância como é tratado nos dias hoje, pelo contrário, era uma criança com responsabilidades, grata e muito feliz.

Os professores, todos sem distinção de ano/série escolar, foram cruciais para meu processo educativo, seus ensinamentos me faziam sentir dentro de uma inesquecível “viagem” e dessa forma asseguraram a produtividade do ensino. Recordo-me de todos, muito dedicados na época sempre carismáticos e com um vasto conteúdo pronto para nos ajudar a transformar em conhecimento. A afetividade e empatia dos mesmos me motivaram a querer ser alguém melhor e sabia que somente através da educação seria possível.

1.4 O INÍCIO DA ALFABETIZAÇÃO

Comecei a frequentar a escola aos seis anos de idade, no pré-escolar, porém minha alfabetização não começou ali, apesar de trabalhar todos os dias e chegar somente à noite em casa, minha mãe sempre achava um tempinho para nos introduzir o que ela sabia, em relação à matemática e ao português, mesmo que seus conhecimentos fossem bem restritos.

Quando iniciei no pré-escolar já estava com uma pequena bagagem de conhecimento, já sabia assinar meu nome, reconhecer as letras, desenhar qualquer palavra, era a “queridinha” da professora, uma aluna dedicada e estudiosa, desse modo tomei para mim o papel de sempre ter notas altas, e isso se estende até os dias atuais, positivamente este hábito auxilia na ampliação dos meus conhecimentos, através do esforço e dedicação para adquirir o aprendizado necessário, negativamente há uma auto-cobrança que ainda precisa ser trabalhada.

Tenho lindas lembranças da escolinha “Castelinho de Areia”, havia apenas duas salas de aula, era uma escolinha relativamente pequena, um projeto inicial de pré-escolar municipal começou ali na cidade. A professora, “Tia Geralda” era muito amorosa e dedicada, brincávamos muito, havia contação de história e até encenação das mesmas, nas quais éramos os personagens. Adorava as canções infantis que cantávamos em sala, havia também os tradicionais pontinhos para trabalhar a coordenação motora. Recordo-me da formatura, tia Geralda queria um aluno que quisesse e soubesse cantar o refrão da música “Bate o Sino”, se surpreendendo por eu saber cantar a música inteira, como havia dito minha mãe sempre cantava para nós, assim ter na memória letras das músicas que ouvíamos era normal para meus irmãos e eu. Nesta época brincávamos constantemente de shows, onde cada um cantava apresentando suas músicas preferidas.

Enfim no dia da formatura do pré-escolar, no ano de 1993, lá estava eu, em cima de uma cadeira, com microfone na mão, cantando “Bate o Sino” para todos os presentes. O pré-escolar foi simplesmente mágico.

Anos mais tarde, já com 20 anos de idade, voltei à escolinha Castelinho de Areia. Mais uma vez me apresentei naquele “Palco”, dessa vez como uma personagem de fada madrinha, em uma peça teatral de entretenimento para as crianças no dia 12 de outubro de 2007.



Fonte: Acervo da autora (diploma pré-escolar)

1.5 O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Na 1º série do ensino fundamental, encarei uma nova realidade, uma escola relativamente grande, quando comparada ao pré-escolar, conseqüentemente havia muitos alunos, turmas cheias, com crianças de diversas realidades e culturas, o que não faltava em sala era a indisciplina que sempre era punida com castigos, nada de ajoelhar no milho ou palmatórias como ouvir em inúmeras histórias de minha mãe. Mas havia puxões de orelha, ficar atrás da porta por determinado tempo e ficar depois do horário. Havia as punições individuais e as coletivas, nas coletivas a sala inteira era penalizada quando a professora não conseguia identificar os responsáveis pela indisciplina cometida.

Lembro-me perfeitamente dos primeiros anos do ensino fundamental, tinha uma ficha escolar que deveria ser preenchida todos os dias, onde contemplava o nome completo, nome da escola, nome da professora, data e dia da semana. Havia também um texto padrão a seguir: “Bom dia, hoje é sexta-feira, dia [...], o sol está ensolarado, sou a.[...]”, sendo alterado apenas pela mudança climática, data e dia da semana. As salas possuíam diversas colagens nas paredes, na decoração havia o alfabeto em letras de forma e cursivas, numerais e formações silábicas, além do tradicional varal com nossos trabalhos realizados ao longo do ano.

Para inicialização da aprendizagem de leitura tínhamos uma tabela com as formações silábicas. Aos 07 anos já lia silabicamente, sempre que meus pais chegavam do trabalho tentava ler os textos infantis dos livros escolares para eles. Nesta época minha irmã mais velha já conseguia realizar uma leitura sem silabar, recorro-me do primeiro texto que li sem silabar. Para impressionar meus pais, li o texto “A conversa de Marcelo” repetidamente com ajuda de minha irmã, por fim acabei por memorizá-lo, assim quando meus pais chegaram li lindamente para eles, que prontamente solicitaram a leitura de outro texto, no qual acabei por silabar, hoje acho graça dessa situação. Anos mais tarde descobri que, o que eu pensava ser um texto era apenas uma parte do livro de Ruth Rocha (1976) – “Marcelo, Marmelo e Martelo e outras histórias, publicado pela Salamandra Consultoria Editorial S.A.

Trecho que havia no meu livro de português da 1º série do ensino fundamental, titulado como “A Conversa de Marcelo”.

[...] Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

— Mamãe, quer me passar o mexedor?

— Mexedor? Que é isso?

— Mexedorzinho, de mexer café.

— Ah... colherinha, você quer dizer.

— Papai, me dá o suco de vaca?

— Que é isso, menino!

— Suco de vaca, ora! Que está no suco-da-vaqueira. — Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

— Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende [...].

Da 1º a 4º série do fundamental havia uma única professora que ministrava todas as disciplinas. Nesta época éramos avaliados por meio de conceitos que geravam notas azuis e vermelhas, sendo: **Ótimo (O)**; **Bom (B)**; **Regular (R) ou Fraco (F)**. Tenho orgulho de nunca ter tirado nenhuma nota vermelha; porém mesmo tendo todos os conceitos “Ótimos ou Bons”, para finalizar a 4º série havia uma espécie de prova oral, onde era necessário saber toda a tabuada 01 a 10 e ler um texto sem silabar. Confesso que esse foi um dos dias mais temidos de minha infância, entretanto tudo correu bem e enfim entrei para o 5º ano do ensino fundamental.

O 5º ano foi uma repaginação de tudo no conceito escolar, agora éramos adolescentes, surgiram novos gostos, novos amigos, novas manias. Começa-se a ter um professor para cada

disciplina, a professora antes chamada de “Tia” agora virou “Dona”, passa-se a utilizar notas em lugar de conceitos. A indisciplina na sala elevou-se a “enésima potência” acredito que a causa foi simples, “um bando de pré-adolescentes se sentindo os maiores, os donos de si”. Entretanto a “Tia” não existia mais, e a “Dona” resolveu a questão rapidamente, dos alunos “baderneiros” eram tirados pontos da somatória final das notas, assim o medo de reprovação acalmou os ânimos por um bom tempo.

CONTEÚDOS		PORTUGUÊS	HISTÓRIA	GEOGRAFIA	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS	ENS. RELIG.			
1º BIM.	NOTAS	190	200	200	200	190	MB			
	FALTAS									
2º BIM.	NOTAS	290	200	200	200	200	MB			
	FALTAS									
3º BIM.	NOTAS	260	300	300	290	300	MB			
	FALTAS									
4º BIM.	NOTAS	24	30	30	29	29	MB			
	FALTAS									
		88	100	100	96	98	MB			
RECUP. FINAL						TOTAL DE PONTOS				
MÉDIA FINAL						RESULTADO FINAL				
96						Aprovada				

Fonte: Acervo da autora (Boletim do 5º ano ensino fundamental)

Modéstia à parte, sempre fui uma excelente aluna, estudiosa, participativa, com uma sede de aprendizagem insaciável. Desde o pré-escolar, mantive com muita honra o posto de melhor aluna e a “queridinha” dos professores. Era bem conhecida por todos na escola, participava de todas as apresentações em datas comemorativas durante o ano letivo, seja cantando, dançando, peças teatrais ou recitação de poesias, enfim, se tinha alguma apresentação lá eu estava. Lembro-me que no ensino fundamental anos finais e no ensino médio, adorava os trabalhos em grupo nos quais tínhamos que apresentar o conteúdo em sala,

meu grupo sempre elaborava excelentes apresentações. Recordo-me que quando íamos apresentar os alunos de outras salas, além dos professores de outras disciplinas, faziam questão de assistir.

Tenho em mente vários trabalhos que realizamos, nos quais foram muito elogiados. Elaboramos uma peça teatral sobre o Império Inca, uma sobre a Guerra dos Canudos, um recital sobre o desastre das bombas atômicas lançadas em Hiroshima e Nagasaki, um “sermão religioso” para retratar a Guerra do Paraguai e um julgamento do Ex-Presidente ditador Emílio Garrastazu Médici, foram vários trabalhos ao longo dos anos nesta trajetória escolar, encontro-me em uma constante nostalgia com as lembranças dessa linda época.

Comecei a trabalhar ainda na adolescência, dos 12 aos 15 anos minha irmã e eu estudávamos no período da manhã, e ao chegarmos da escola íamos de porta em porta para vender produtos de cosméticos e bijuterias, os fornecedores eram representantes comerciais, em troca recebíamos alguns brindes e/ou raramente uma pequena comissão. Aos 16 anos comecei a trabalhar de empregada doméstica e babá de crianças, desse modo passei a frequentar a escola no período noturno e trabalhava durante o dia, neste ano estava cursando o 2º ano do ensino médio, na sala de aula tive o privilégio de conhecer meu esposo, cursamos o ensino médio juntos, são 18 anos de muita parceria, cumplicidade e amor.

Foi muito difícil conciliar os estudos e trabalhar, mas como tudo na vida, com muito esforço e dedicação concluí o ensino médio no ano de 2004, o que era uma grande vitória, pois, a maioria dos jovens na minha cidade se quer finalizavam o ensino fundamental.

Nesta época minha mãe já estava presente em casa, havia sofrido um grave acidente de trabalho que a impossibilitou de trabalhar permanentemente, com isso ela retomou os estudos. Como não possuía certificado do antigo primário, teve que começar do zero, desse modo tive meu primeiro contato com a EJA – Educação de Jovens e Adultos, minha mãe concluiu o ensino fundamental por meio dessa modalidade de ensino, porém não havia EJA ensino médio na cidade, ela foi uma guerreira, começou a frequentar o ensino regular na escola pública, em meio aos adolescentes, lá estava minha mãe em busca do conhecimento aos 37 anos, mas não estava sozinha, minha irmã e eu frequentávamos a mesma escola, assim no ano de 2002 minha mãe cursava o 3º ano do ensino médio, minha irmã o 2º ano e eu o 1º ano, houve três anos seguidos de formaturas lá em casa.

Sempre gostei de ensinar, sempre fui líder de grupos escolares e ajudava os colegas que apresentavam maiores dificuldades em aprender os conteúdos aplicados, quando trabalhava de babá, procurava ao máximo auxiliar as crianças no processo de alfabetização e transformação do conhecimento. Antes do término do ensino médio, já sabia, queria lecionar.



Fonte: Acervo da autora (Frente e verso camiseta formandos ensino médio)

1.6 O CURSO SUPERIOR

O ensino superior não era uma realidade para a classe pobre em minha cidade, não havia faculdades na mesma, para cursar o ensino superior era necessário percorrer em média 400 km diariamente para cidade mais próxima com universidades. Assim o ensino superior por muito tempo era apenas um sonho, pois mesmo que conseguisse uma universidade gratuita ou uma bolsa de estudos em uma faculdade particular, era impossível arcar financeiramente com as despesas com transporte, alimentação, materiais e outros. Desse modo ao finalizar o ensino médio, de empregada doméstica passei a trabalhar na área comercial, nas funções de caixa, vendas e assistente administrativo em diversos estabelecimentos, o que despertou em mim uma fascinação para área administrativa, ao mesmo tempo em que pude vivenciar uma experiência magnífica com uma turma de EJA – Educação de Jovens e Adultos, o sonho de concluir uma graduação e poder lecionar foi apenas procrastinado.

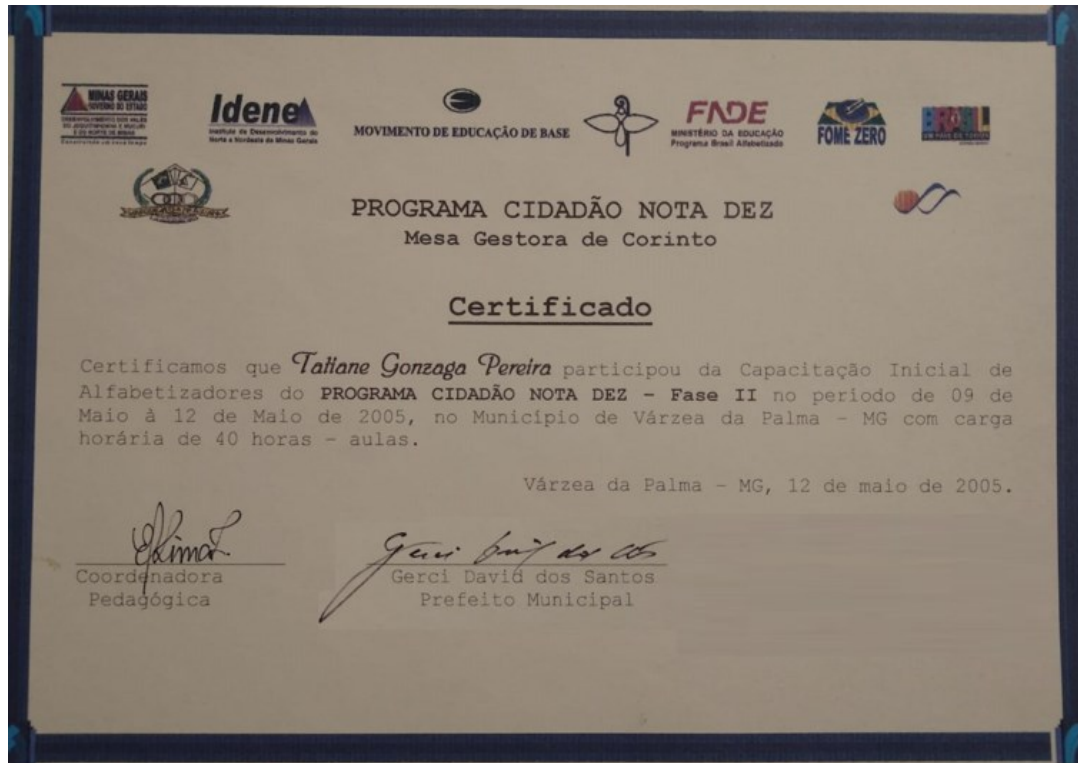
Quatro anos após a conclusão do ensino médio, no ano de 2008, houve uma reviravolta que reacendeu em mim a vontade de cursar uma educação superior, porém o financeiro ainda era um obstáculo. Na época trabalhava em uma farmácia na área administrativa, o proprietário era um senhor boníssimo, com uma “áurea superior”, sempre

com muita empatia e amor ao próximo. O mesmo não residia na cidade/estado e sim em Goiás, ele necessitava de pessoas de confiança para administrar seu empreendimento na rede de farmácias, desse modo optou pela capacitação de três colaboradoras na área administrativa, fornecendo uma bolsa de estudos no ensino superior, sendo eu uma das contempladas, assim cursei minha primeira graduação em Administração pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS na modalidade de ensino à distância - (EAD) onde as aulas eram presenciais duas vezes na semana com transmissão e interação ao vivo com professores das disciplinas ministradas, e online com vídeos, apostilas, atividades avaliativas no restante da semana com acesso a plataforma virtual – Moodle. Em 2012 me graduei em Bacharel em Administração, logo realizei uma pós-graduação MBA em Gestão de Pessoas.

1.7 A EJA E A TUTORIA

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino embasada na esfera da inclusão social, proporcionando a educação para aqueles que por diversas razões não concluíram os estudos em idade escolar. Meu primeiro contato com a Educação de Jovens e Adultos – EJA foi por meio da minha mãe, que retomou os estudos na idade adulta, concluindo o ensino fundamental por meio dessa modalidade.

Quando concluí o ensino médio, concomitante com o emprego na área administrativa em uma loja de móveis da cidade, com apenas 18 anos, tive a oportunidade de auxiliar na alfabetização de jovens e adultos, em um projeto governamental chamado “Cidadão Nota 10”, no ano de 2005. [...] “O projeto Cidadão Nota 10 foi criado pelo governo Federal em parceria com o Sistema Sedvan/Idene, formado pela secretaria de Estado para o desenvolvimento dos Vales do Jequitinhonha, Mucuri e Norte de Minas, que teve como objetivo não só de alfabetizar, mas de ensinar a ler e escrever, interpretar, além de realizar as quatro operações matemáticas básicas” [...]. Foi uma experiência mágica, que marcou e acrescentou valores fundamentais em minha vida, tantas histórias se entrelaçaram naquela sala de aula, tantos saberes e culturas diferenciadas que ao mesmo tempo em que eu ensinava aprendia muito com eles. Entretanto hoje tenho consciência que para atuar nesta modalidade de ensino, não basta um ensino médio e/ou simples capacitações, são necessários professores com especialização na área.



Fonte: Acervo da autora (Capacitação inicial para projeto Cidadão Nota Dez)

Na finalização da graduação em Administração, também concomitante ao emprego administrativo na época, trabalhei no período noturno como Tutora Presencial do curso de Graduação em Administração na Faculdade Anhanguera Educacional Ltda, de certa forma consegui conciliar minha graduação com o ato de ensinar, as aulas eram presenciais dois dias na semana e nos outros três eram aulas online, minha turma era maravilhosa, com alunos dedicados com sede do saber. Como tutora tinha como principais funções: auxiliar os alunos no desenvolvimento de suas atividades individuais e em grupo, fomentando o hábito da pesquisa, esclarecendo dúvidas em relação aos conteúdos aplicados, bem como auxiliar os alunos com maiores dificuldades ao uso das tecnologias disponíveis, participação dos momentos presenciais obrigatórios, tais como as avaliações, aulas práticas em laboratórios e estágios supervisionados, além da aplicação e correção de atividades avaliativas, aplicação e correção de provas avaliativas, BRASIL (2007, p. 21-22). Não presenciei a formatura dessa turma tão adorada, o destino mudou meu curso e no ano de 2014 vim buscar um futuro melhor na cidade de Araxá no Alto Paranaíba em Minas Gerais.

Já se passaram quase oito anos, desde que me mudei para a cidade de Araxá, chegando aqui, como já era o esperado, comecei a trabalhar na área administrativa, uma vez que, minha formação e experiência são nesta área, entretanto não fui para área comercial e sim para área da educação. Acredito que inconscientemente ou consciente sou constantemente atraída para

área da educação, mesmo que a dedicação não seja integralmente ao ato de ensinar. Fui trabalhar na unidade integrada SESI/SENAI, onde inicialmente atuava diretamente com os alunos da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos - EJA. Tendo assim um contato direto com os alunos, pois era responsável por toda coleta e atualização de dados cadastrais, além do acompanhamento de frequência e apoio motivacional. Durante este período ouvi e presenciei muitas histórias, em sua maioria relatos de uma vida de luta e sofrimento. Entretanto pude presenciar a imensa alegria e emoção dos mesmos ao conquistar o sonho tão desejado de concluir os estudos.

1.8 A GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Não há maior manifestação de empatia e amor ao próximo que o exercício da docência. Ao trabalhar no SESI/SENAI Araxá, conheci a Universidade Aberta do Brasil (UAB), localizada no mesmo prédio que a unidade. Assim no ano 2017, vi a oportunidade de cursar Licenciatura em Pedagogia na modalidade à distância (EAD) por meio da parceria Universidade Aberta do Brasil (UAB) e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Encarar outra graduação, conciliando com um trabalho de 44 horas semanais, nem sempre foi fácil, na verdade, confesso que foi muito difícil. Um curso 100% à distância sem um contato direto com os professores, exigiu muita disciplina e comprometimento. As dificuldades foram incontáveis, em contrapartida, os prazeres também. Estar envolvida na área da educação adquirindo conhecimentos e saberes que serão eternos, sem dúvidas vale à pena todo o esforço atribuído. Devido à pandemia COVID-19, os Estágios Supervisionados foram realizados remotamente, acredito que não houve prejuízos ao aprendizado, porém imagino que a experiência presencial dentro de uma sala de aula iria ter uma maior agregação de conhecimento. Assim após o retorno das atividades presenciais irei realizar o estágio voluntário nas escolas que me acolheram, a fim de adquirir essa mágica experiência e agregar ainda mais conhecimentos.

Para finalização do curso de graduação é obrigatório a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Não houve dúvidas na escolha do tema, não poderia finalizar essa graduação sem relacioná-la ao início de tudo, ao meu despertar para essa vocação de exercício da docência. Assim escolhi abordar junto ao memorial descritivo de formação o tema “A Essencialidade da Educação de Jovens e Adultos - EJA”, pois além de ser uma das modalidades de ensino mais nobres e essenciais para a sociedade, foi por meio do contato com a EJA que aflorou em mim o desejo de fazer parte dessa práxis social.

2 INTRODUÇÃO: A ESSENCIALIDADE DA EJA

Estudos comprovam que a proeminência das desigualdades sociais está diretamente ligada ao acesso escolar. Nas famílias de baixa renda muitas vezes crianças e adolescentes começam a trabalhar ainda muito cedo assumindo a responsabilidade de contribuir e/ou até mesmo manter a renda familiar, acarretando no impedimento ou permanência do acesso escolar em idade própria.

Desse modo é notória a importância da Educação de Jovens e Adultos para a sociedade. A EJA possibilita o acesso ao conhecimento e conclusão do ensino fundamental e/ou médio àqueles que por diversas razões não conseguiram concluir os estudos na idade escolar, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, diz no artigo 37 que: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Saviani (2003), pautado na LDBEN 9394/96, caracteriza a EJA sendo uma “modalidade de ensino a ser oferecida a todos os cidadãos, potencialmente trabalhadora, constituída por jovens e adultos que não tiveram acesso à educação em idade própria”.

A EJA é uma modalidade de ensino capaz de restaurar uma sociedade nas questões das desigualdades sociais, uma vez que, oferece a oportunidade de igualdade para pessoas que se encontram em desvantagens no quesito socioeconômico pela falta do ensino não adquirido em idade regular. Di Piero afirma que:

Educação de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que inevitavelmente transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Primeiramente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e um sem número de questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar. (DI PIERO et al. 1999, p 132).

Capucho esclarece que:

A identidade da EJA, em uma perspectiva democrática, firma a importância de uma prática pedagógica emancipatória e propulsora de transformações. Seus sujeitos são essencialmente cidadãos que não tiveram o direito à educação, e tantos outros assegurados em outras fases da vida. Portanto, a Educação em Direitos Humanos (EDH) na EJA não a descaracteriza, mas fortalece seu diálogo com a perspectiva inclusiva de educação. (CAPUCHO, 2012, p. 75).

Para Paula e Oliveira,

A história da EJA tem como paradigma máximo o educador Paulo Freire.[...] A mudança de concepção tradicional de educação para a da concepção crítica e progressista reconhece nesse educador o “divisor de águas”, que fez com que toda a história da EJA tomasse rumos diversos até o dia vivido. Podemos considerar que existe uma EJA antes de Paulo Freire – uma educação dita “bancária”, cuja visão conteudista e compensatória atua na perspectiva de recuperar o tempo perdido – e uma EJA depois de Paulo Freire, baseada numa educação humanizadora e emancipatória, que parte da centralidade dos sujeitos e de duas experiências e trajetórias de vida. (PAULA; OLIVEIRA 2011, p. 69).

A educação é transformadora. Freire (1993, p. 28) afirma que por meio da educação, “o homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação”.

2.1 METODOLOGIA

Segundo Roesch (2005, p.171), “metodologia é a definição dos procedimentos utilizados na realização do trabalho, com base nos objetivos inicialmente definidos, e na definição do tipo de pesquisa que mais se adequará para o cumprimento do ideal pré-estabelecido”. Vergara, defende que a pesquisa pode ser considerada como bibliográfica por ser um “estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível, ao público em geral” (2003, p.48). Já sobre a investigação documental, Vergara define como:

a realizada em documentos conservados no interior de órgãos públicos e privados de qualquer natureza, ou com pessoas: registros, anais, regulamentos, circulares, ofícios, memorandos, balancetes, comunicações informais, filmes, microfilmes, fotografias, videoteipe, informações em disquete, diários, cartas pessoais e outros. (VERGARA, 2003, p. 48).

A autora ainda relata que os dados das pesquisas “podem ser tratados de forma qualitativa como, por exemplo, codificando-os, apresentando-os de forma mais estruturada e analisando-os”. Além de descritiva quando “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno” (VERGARA, 2003, p. 47-59).

Desde modo os procedimentos metodológicos utilizados para desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso é caracterizado como uma pesquisa qualitativa e descritiva, desenvolvida por meio de pesquisa documental e bibliográfica.

3 CONTEXTUALIZANDO A EJA POR MEIO DE SUA HISTÓRIA

No início da colonização do Brasil a pouca quantidade de escolas existentes eram destinadas as crianças da classe média e alta. Na época acreditava-se que não havia a necessidade de uma educação voltada para os jovens e adultos, os menos favorecidos eram carentes de qualquer tipo de instrução. A história da educação de jovens e adultos iniciou-se no Brasil no período colonial e se deu de forma desorganizada, nesta época não tiveram iniciativas governamentais significativas voltadas para esta modalidade. Com a proclamação da Independência do Brasil foi promulgada a primeira constituição brasileira onde no artigo 179 declarava que a educação primária deveria ser gratuita para todos os cidadãos, mesmo com sua gratuidade não havia favorecimento as classes pobres, pois não tinham acesso à escola, ou seja, a escola era para todos, porém, poucos tinham este benefício, contudo no decorrer dos séculos houve várias reformas.

Um dos movimentos importantes que ocorreram e que marcaram a história e trajetória da EJA, foi a Semana de Arte Moderna, onde a classe artística se dedicou a conhecer e contribuir na resolução dos problemas da sociedade e suas precariedades educacionais. Surge então a Escola Nova influenciada pelos países europeus que defendiam mudanças na forma de ensinar com base no avanço social. Já com a Revolução de 1930 que marcou a transição da República Velha para a República Nova, a Educação sofre mudanças, dentre elas o decreto 19.402 de 14 de novembro de 1930, que cria o Ministério da Educação e Saúde, uma antiga solicitação dos educadores no Brasil. Em 11 de Abril de 1931, temos o decreto: 19.850, que aprovava o Conselho Nacional de Educação, mas apesar de ocorrer algumas mudanças em favor da educação, o ensino popular de 1º e 2º grau ainda era carente de benefícios. A partir desta revolução muitas mudanças políticas e econômicas surgiram no país, onde se deu início a um sistema educacional elementar.

Em dezembro de 1931 os educadores se reúnem em uma Conferência Nacional, convocada pela Associação Brasileira de Educação, com o intuito de discutir as diretrizes da educação popular. Mesmo com as reformas educacionais, grande parte da população continuava analfabeta.

Em meados do ano de 1940, a educação elementar é ampliada, fato este que foi primordial para melhorias na educação de jovens e adultos, porém a Constituição de 1934 já defendia sua importância. A década de 1940 foi um marco para esta modalidade de ensino, pois inúmeras iniciativas políticas e pedagógicas foram tomadas para sua melhoria, como a regulamentação do fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), a criação do INEP, e o

lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), através da qual teve sua atenção voltada para a elaboração de um material didático e pedagógico específico para adultos e a realização de dois eventos de grande importância para a EJA, sendo o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos, realizado em 1947, e o Seminário Interamericano de Educação de Adultos, em 1949.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e da Ditadura Vargas em 1945, houve uma reviravolta política, com isso deu-se a necessidade de redemocratizar o país, exigindo assim um fortalecimento e um aumento das bases eleitorais, o caminho encontrado foi priorizar a educação de jovens e adultos, outro ponto importante foi à necessidade de alfabetização da população, a fim de que pudessem fazer parte e caminhar junto da nova fase de desenvolvimento capitalista e industrial que começava no Brasil, adequando-se assim à mão de obra necessária ao crescimento das indústrias, neste período surgiram diversas escolas de ensino supletivo no país.

Em 1950 a educação de jovens e adultos sofreu diversos apontamentos negativos, o que levou a busca de novas estratégias e caminhos a seguir, para aprimorar e possibilitar sucesso nesta modalidade. Já em 1961 cria-se um movimento alfabetizador popular idealizado por Freire em prol dos adultos, que levou à composição do Método Paulo Freire. Este método consistia em alfabetizar os adultos considerando suas vivências e interagindo entre si através de palavras presentes na realidade do educando que são interpretadas para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo.

Durante o período do regime militar no governo de Costa e Silva sob o decreto nº 62.455, de 22 de Março de 1968, autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967 deu-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), até então o programa educacional mais duradouro no país que teve início em 1964, com o intuito de suprir o método de alfabetização popular já utilizado baseado em Freire. Mesmo com as tentativas de modificar a forma de ensinar, o MOBRAL sempre se voltava a Freire com algumas ressalvas. Enquanto Freire defendia uma educação voltada para a realidade do aluno considerando sua bagagem de vida e com uso de palavras presentes em seu cotidiano, o MOBRAL tinha a preocupação de impor uma linguagem mais culta e estilizada.

O Movimento Brasileiro de Alfabetização e o Supletivo foram programas de alfabetização que serviram como mediadores entre as classes populares, os militares e a educação. A intenção com a criação do MOBRAL era acabar com o analfabetismo no Brasil, mas, o mesmo não conseguiu alcançar tal objetivo e logo foi extinto devido às suspeitas de fraudes. No ano de 1971 ainda durante o regime militar foi criada a Lei de Diretrizes e Bases

da Educação Nacional, com principal finalidade a educação profissionalizante. Com a Constituição Federal de 1988 no artigo 208 a EJA tornou-se função do Estado, além de gratuita e obrigatória, era amparada por lei para aqueles que não puderam cursar o ensino fundamental na idade certa.

Em 1990 ocorre o Ano Internacional da Alfabetização, onde várias ações foram feitas por todo o país por setores governamentais e não governamentais com intuito de chegarem a um denominador comum capaz de erradicar o analfabetismo no Brasil. Nesta mesma época o presidente Fernando Affonso Collor de Mello, eleito Presidente do Brasil em 1990, criou o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania o (PNAC) que tinha como principal objetivo a diminuição em 70% do número de analfabetos existentes no país, isso nos próximos 05 anos seguintes.

Haddad (1994, p. 97) retrata que:

O PNAC se propôs a promover e mobilizar ações de alfabetização, através de comissões municipais, estaduais e nacional, envolvendo os diversos setores interessados das esferas públicas e da sociedade civil em geral. Enquanto as comissões se mobilizaram, o governo federal assinava convênios, repassando fundos mediante critérios clientelistas e sem controle destas comissões, tanto do volume de recursos, quanto do número de projetos e a quem se destinavam (HADDAD, 1994, p.97).

Em 1992 o presidente Fernando Collor sofre um impeachment, assim Itamar Franco assume o governo. Werebe (1994, p. 85-86) faz uma importante contribuição sobre o significado da saída de Fernando Collor do governo naquele momento, e diante de um cenário de grande instabilidade mundial afirma:

A queda de Collor constituiu, sem dúvida, um acontecimento importante. Ele foi o primeiro, ou melhor, o único chefe de governo a ser destituído por corrupção em toda a América Latina. Com esse acontecimento renasceram as esperanças de um futuro melhor para o país, donde o enorme entusiasmo manifestado pela esmagadora maioria da população. (...). Caiu 'um corrupto', mas e a corrupção? (...). A corrupção não poderia, como não pôde ser sanada tão facilmente. Os escândalos continuam a ser denunciados e os homens públicos envolvidos conservavam seus privilégios e mantêm se no poder. (WEREBE, 1994, p.85-86).

Em 1996 foi criada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 9.394/96, que reafirmava o direito de jovens e adultos a Educação Básica, e ao governo seu oferecimento gratuito, determinando encargos aos devidos responsáveis por meio da assimilação e mobilização da demanda, garantindo ingresso e continuidade (BRASIL, 1996). Em 2003 o Governo Federal instituiu a Secretaria Extraordinária de Erradicação do

Analfabetismo, através do Programa Brasil Alfabetizado, além do Projeto Escola de Fábrica destinado a educação profissional o PROJOVEM voltado para capacitações comunitárias e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos o PROEJA. Com a adesão do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação em 2007 a Educação de Jovens e Adultos - EJA passa também a ter direito aos recursos destinados à Educação provenientes do FUNDEB.

3.1 A DIVERSIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - EJA

A modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos - EJA foi criada com o intuito de diminuir o analfabetismo no Brasil, promovendo acesso à educação para aqueles que por diversos motivos não conseguiram estudar na idade própria. Infelizmente a desigualdade social no país, que é constante e crescente, acaba por acarretar no abandono dos estudos ou a não inicialização dos mesmos. A prioridade é busca pela sobrevivência, assim é preciso optar pela garantia do tradicional “ganha pão” em vez de uma alfabetização e/ou qualificação.

Através da EJA é possível conquistar uma formação educacional e conseqüentemente ter mais chances de conseguir uma oportunidade melhor de trabalho. Para Moraes,

O aluno da EJA apresenta um conjunto de características muito peculiar que envolve o retorno à escola como sendo a via possível para se alcançar postos mais elevados no mercado de trabalho, um lugar nesse mesmo mercado, ou, ainda, para as mulheres – donas de casa, em específico - uma oportunidade de vivenciarem uma atividade produtiva diferente das realizadas no interior do próprio lar. Em geral, esse aluno chega à escola com grande receio de não conseguir cumprir com as exigências institucionais e, ao mesmo tempo, apresenta uma visão de escola completamente atrelada à perspectiva empirista de educação. (MORAES, 2016, p.5).

A EJA é uma modalidade de ensino que apresenta uma imensa diversidade cultural, assim é de extrema importância que o ensino na EJA seja pensado e formulado voltando-se para os interesses de seus alunos e de acordo com a realidade de cada um. Desse modo, Lopes e Sousa (2005, p.1) ressaltam “que é importante compreender que além de todas as dificuldades que o aluno da EJA já enfrentou e enfrenta, ainda tem que passar pela barreira do preconceito, da vergonha, da discriminação onde uma sociedade crítica não respeita as diferenças”.

Oliveira (2004) concorda que dentro da faixa etária da EJA se configura uma diferença de interesses, a depender da idade. Isso traz para o universo das práticas pedagógicas mudanças com relação a interesses, estímulos e modos de se aprender.

O jovem tem um olhar para o futuro. Na transição da infância para a fase adulta está ligado às inovações tecnológicas, aos modismos dos meios de comunicação, ou seja, às mudanças que ocorrem no mundo. O adulto está interessado na vida profissional, na sua inserção no mercado de trabalho, olhando para a sua situação de vida presente. O idoso busca ser cidadão, viver a sua vida em sociedade, sendo respeitado como pessoa e pelo seu passado, pela sua história de vida. Almeja viver na sociedade com dignidade. (OLIVEIRA, 2004, p.59-60).

O público da EJA é bem diversificado, apesar de compactuarem de um mesmo objetivo. Os alunos são pessoas com realidades diferentes, assim como as razões que os levaram na busca da conclusão dos estudos. Da mesma forma que há jovens que abandonaram os estudos por motivo de força maior, há aqueles que pela instabilidade da juventude, se influenciaram por uma falsa ideologia de que estudar é algo dispensável, porém em determinado momento da vida, enxergam na EJA a oportunidade para conquistar melhorias e conseguir ir além, ter uma formação é indispensável para uma vida profissional melhor. Nesta diversidade, encontram-se também as jovens, hoje senhoras, que abandonaram os estudos devido à gestação na adolescência, uma vez tendo adquirido a responsabilidade de uma vida indefesa nas mãos, não conseguiram conciliar o estudo com o sustento e criação dos filhos.

Outra demanda crescente na modalidade de ensino EJA são os idosos, que estão retornando à escola na terceira idade, atualmente quando pensamos na terceira idade, nos deparamos com um novo cenário, pois o envelhecer está sendo encarado de uma forma mais branda, tanto que houve uma alteração na imagem social. Silva (2009, p.128) afirma que: "[...] o surgimento da identidade terceira idade parece ser a mais inovadora e desafiadora, visto que oferece a possibilidade de condensar muitas das questões que atingem os que envelhecem na contemporaneidade".

Para Webber e Celich (2007, p.650) "a educação de idosos permite uma ressignificação das experiências anteriores à velhice, principalmente das vivências experimentadas durante o curso da vida".

Com a diversidade do público da Educação de Jovens e Adultos - EJA torna-se necessária uma diversificação no processo de ensino aprendizagem, o desenvolvimento de metodologias e estratégias que sejam capazes de integrar o conhecimento nesta diversidade

cultural são extremamente fundamentais, para uma excelência nos resultados dos objetivos traçados.

Haddad e Di Pierro (2000) afirmam que:

a presença de um público tão jovem em programas de alfabetização e escolarização voltados, até então, a adultos e idosos colocam novos desafios aos educadores, que têm que lidar com universos muito distintos nos planos etários, culturais e das expectativas em relação à escola”. Assim, os programas de educação escolar de jovens e adultos, que originalmente se estruturaram para democratizar oportunidades formativas a adultos trabalhadores, vêm perdendo sua identidade, na medida em que passam a cumprir funções de aceleração de estudos de jovens com defasagem série/idade e regularização do fluxo escolar. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 127).

Observa-se que em sua maioria o perfil dos estudantes da EJA são educandos que trabalham durante o dia e a noite vão à escola, são alunos que fazem parte de classes populares com ou sem nenhuma instrução, depositam na escola toda sua ânsia de um futuro melhor mesmo que tardio. Nesse sentido, Arroyo (2004, p.118) retrata que: “os jovens e adultos que trabalham durante o dia e, à noite, frequentam a EJA dão valor à escola, ao estudo, a ponto de se sacrificar por anos, todas as noites, depois de um dia exaustivo de trabalho”.

Nesta miscigenação para oferecer um ensino de qualidade a todos, desafios são enfrentados na modalidade de ensino EJA, um deles refere-se aos alunos com necessidades educacionais especiais. Tanto a EJA como a Educação Especial Inclusiva sofrem ao longo dos anos com a negligência governamental, onde não são destinadas verbas suficientes para atendimento da grande demanda. Desse modo além de não possui recursos para abarcar a todos que necessitam retomar os estudos, há um constante desgaste dos envolvidos, na tentativa de reafirmar e posicionar a importância de investimentos nesta modalidade. Pierro (2004, p. 21) reforça que, “também não se avaliou o alcance da meta de promoção de uma educação de jovens e adultos inclusiva, sensível às necessidades de mulheres, idosos, indígenas, pessoas com deficiência e presidiários”.

Ribeiro et al, (2001), alerta para conscientização de que a modalidade de ensino EJA, “não visa somente à alfabetização dos sujeitos, contribui também na capacitação profissional de modo a incluí-los num contexto social, abrangendo e beneficiando o país no exercício da cidadania” .

É notória a importância da capacitação docente para atuação no ensino EJA, os professores que trabalham nesta modalidade precisam estar muito bem preparados e dispostos

a atenderem as necessidades de uma classe tão desfavorecida pedagogicamente. O professor precisa saber valorizar a bagagem que cada um traz consigo, suas histórias de vida, seus anseios, seus conhecimentos prévios e expectativas. Nesse aspecto, Scocuglia (2003, p.84) ressalta:

Um grande desafio do professor é contribuir para a reversão do fracasso escolar, produzido a partir das premissas e das expectativas negativas da escola e dos alunos. [...] A escola não se prepara para receber e trabalhar com crianças, jovens e adultos das camadas populares e estes, por sua vez, não têm nenhum sentido de pertencimento em relação à escola “dos outros” [...]. (SCOCUGLIA, 2003, p.84).

Embora o perfil do professor seja de grande importância nesta modalidade, o educando também, assim como em qualquer situação precisa estar disposto a ser protagonista de sua própria história, ou seja, educador e educando devem caminhar juntos, buscando o melhor caminho para o sucesso educacional. Uma boa relação entre professor e aluno é de suma importância no processo ensino aprendizagem, dar atenção a este aspecto é garantir que os anseios dos alunos serão atendidos.

3.2 A POTENCIALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM DO EDUCANDO

Normalmente quando se pensa em alfabetizar um adulto, erroneamente vem à mente que qualquer pessoa que seja alfabetizada pode trabalhar na alfabetização dos jovens e adultos. Pensamento esse que acarreta na atração para essa modalidade, professores desconhecedores da realidade que são as salas de aulas da EJA. Quem retorna para escola na vida adulta, busca a recuperação do tempo perdido na trajetória educacional, desse modo precisam se reconhecer em sala e acreditar nesta possibilidade, pois a evasão ainda é um dos grandes desafios da modalidade de ensino EJA, envolver o aluno de forma que ele faça o seu reconhecimento dentro do ambiente escolar e encontre o significado dos seus objetivos é um fator crucial para sua permanência. Para Guidelli,

A educação de jovens e adultos foi vista no decorrer de sua história como uma modalidade de ensino que não requer, de seus professores, estudo e nem especialização, como um campo eminentemente ligado à boa vontade. Em razão disso, são raros os educadores capacitados na área. Na verdade, parece que continua arraigada a idéia de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode ensinar jovens adultos, pois ainda existem educadores leigos que trabalham nessa modalidade de ensino, assim como a idéia de qualquer professor é automaticamente um professor de jovens e adultos. Com esta falsa premissa, não tem se levado em conta que para se desenvolver um ensino adequado a esta clientela exige-se formação inicial específica e geral consistente, assim como formação continuada. (GUIDELLI, 1996, p. 126).

Por muito tempo houve uma negligência na formação de professores no trato da abordagem da Educação de Jovens e Adultos. Cenário esse que começa a mudar, de acordo Piconez,

A maioria dos estudos sobre Educação de Adultos tem colocado, entre suas prioridades, a necessidade de formação de professores para educação tão peculiar. A inexistência de estudos sobre jovens e adultos nos cursos de formação de professores, seja em nível de 2º ou 3º graus, tem sido colocada com frequência. As próprias Faculdades de Educação começam a se dar conta nos últimos anos de que seus currículos não contemplam estudos sobre a problemática do analfabetismo ou da educação de jovens e adultos, tratada, muitas vezes, como matéria espúria, com seu desenvolvimento caracterizado por descontinuidades ou como tarefa de perspectiva assistencialista e filantrópica, e não na perspectiva de um direito de cidadania. (PICONEZ, 1995, p. 37).

A cada dia que passa a sociedade contemporânea torna-se mais exigente em todos os aspectos, dentre eles o socioeconômico, as exigências no âmbito do trabalho estão precisamente voltadas para compreensão dos conhecimentos formais, sendo tais conhecimentos trabalhados no processo escolar. Assim é necessário o fornecimento de um trabalho educativo eficiente e de qualidade. O alcance de novas dimensões é essencial na modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, a EJA deve proporcionar a integralidade na formação humana, envolvendo a consciência de suas potencialidades, assegurando o predomínio da troca de saberes no processo de ensino aprendizagem, contemplando o conhecimento como uma construção social pautada na influência mútua entre a teoria e a prática. Assim para potencialização da aprendizagem do educando, a EJA deve contemplar conteúdos básicos de uma educação popular, porém dentro de um cenário interdisciplinar.

Souza e Cunha (2010) alertam que na maioria dos casos os alunos da EJA apresentam certa timidez, o que os impede de fazer perguntas ou responde-las, o nervosismo acaba por atrapalhar o processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, é preciso levar em consideração as diversas concepções que determinam o perfil do estudante da modalidade EJA, repensando a teoria e a prática pedagógica voltando-as para “concepções que valorizam o jovem e o adulto como um ser capaz de pensar e produzir conhecimento, que valorize suas atividades investigativas (CALIATTO; MARTINELLI, 2013; ARROYO, 2005)”.

Arbache (2001) expõe que para potencializar a aprendizagem do aluno EJA, o “essencial para o docente da EJA é que ele compreenda o que é buscado pelos educandos dessa modalidade de ensino. A formação do docente que atua na EJA deve acontecer de maneira mais significativa após uma graduação, para que haja uma formação específica e continuada”.

Para Souza (2011) “o professor da EJA deve traçar o seu perfil na busca de ampliar suas habilidades e competências específicas para desenvolver uma boa prática pedagógica em seu trabalho. O docente deve propor ações em sala que aproxime o conhecimento escolar daquele que é vivido pelos estudantes”.

O professor da EJA deve está comprometido com o exercício da docência, apresentando para o aluno que a modalidade de ensino EJA oferece a oportunidade de uma significativa mudança de vida. Uma das metodologias educacionais que apresenta resultados eficazes é a estratégia de ensino com o uso dos “Temas Geradores”, sendo uma concepção freiriana. Basicamente Freire resume essa antropologia em: 1º leitura de mundo, 2º tematização, 3º problematização. Freire (1989, p.09), afirma que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. Entretanto Freire, também esclarece que:

É importante reenfatizar que o tema gerador não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens. Só pode ser compreendido nas relações homens – mundo. Investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seus atuar sobre a realidade, que é a sua práxis. Quanto mais assumam os homens uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela. (FREIRE, 2011, p. 136-137).

Corazza entende que para se trabalhar com “Temas Geradores” é necessário ao professor:

a) ser um ‘leitor’ crítico e rigoroso da realidade e do mundo para poder ajudar o aluno a dizer, ler e escrever sua ‘PALAVRAMUNDO’; b) ir construindo a capacidade de teorizar sobre sua prática; c) possuir clareza acerca de suas concepções e opções fundamentais, tais como: projeto histórico, referencial teórico, princípios didático-metodológicos, do lado de ‘quem’ e do ‘que’ coloca sua práxis, sua utopia e seu sonho; d) estudar de forma a produzir uma sólida consistência conceitual; e) construir e criar conhecimentos; f) aprender, ao ensinar e indagar, ao responder; g) constituir e manter grupos de trabalho, estudo e discussão; h) ‘fazer ciência’ à moda de quem faz aventura; i) renunciar à menor parte do narcisismo de cada um, para que se estabeleça a pertença institucional⁵”, pois concebemos a EJA como um processo de construção que tem a prática pedagógica do educador como produto do trabalho coletivo na interação com seus pares. (CORAZZA, 1992, p.48-55).

Infere-se então que a EJA deve oferecer aos alunos conteúdos selecionados e relacionados ao seu cotidiano, dessa forma cria-se uma aceleração do tempo escolar, pois abordar os temas nos quais os mesmos estão inseridos, aliando os conhecimentos pessoais com os conteúdos que a escola tem a oferecer, é capaz de proporcionar uma análise crítica da problematização, conseqüentemente uma transformação dos saberes. Para Silva; Prado e Brito (2006) a EJA deve ser entendida como uma prática para a liberdade, apresentando uma didática que proporcione ao aluno a oportunidade de se expressar de modo criativo e autônomo, articulando conhecimentos da escola com os saberes individuais, na busca pela interação do homem com o mundo e possibilitando ainda o levantamento de expectativas para o futuro.

3.3 A PRÁXIS EDUCATIVA NA MODALIDADE EJA

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino que traz esperança para alunos. Esperança de retomar o tempo perdido; esperança de uma melhor profissionalização concebida por meio do conhecimento; esperança de realização de coisas rotineiras como ler um jornal ou reconhecer os preços dos produtos no supermercado; enfim, esperança de uma igualdade social, uma vez que não serão mais discriminizados à margem da sociedade.

Mortatti (2004, p. 17) afirma que “o analfabetismo no Brasil existe desde o período colonial, entretanto só foi considerado como sendo um problema durante o final do período imperial”. Dessa forma a “Educação de Adultos viveu um processo de amadurecimento que veio transformando a compreensão que dela tínhamos poucos anos atrás. A educação de Adultos é melhor percebida quando a situamos hoje como Educação Popular” (FREIRE, 1996).

Freire esclarece que trabalhar a educação de jovens e adultos transcende o ato de apenas ler e escrever,

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende (...) Implica uma auto formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72).

Neste contexto, Dayrell (2005, p. 55) aponta que “se a escola e seus profissionais querem estabelecer um diálogo com as novas gerações, torna-se necessário inverter o processo”. Assim no ambiente escolar não cabe situações de preconceito e formação de estereótipos, a escola deve proporcionar situações de diálogos para melhor compreender os alunos e erradicar quaisquer tipos de rotulagem que deprecie os sujeitos:

O jovem geralmente aparece como problema, com ênfase na sua indisciplina, na “falta de respeito” nas relações entre os pares e com os professores, na sua “irresponsabilidade” diante dos compromissos escolares, na sua “rebeldia” quanto à forma de vestir – calças e blusas larguíssimas, piercings, tatuagens e o indefectível boné –, o que pode ser motivo de conflito quando a escola define um padrão rígido de vestimenta. (DAYRELL, 2005, p. 54).

Para prática de uma práxis educativa efetiva, voltada para equidade social, toda comunidade escolar precisa contribuir para a não estereotipação das gerações atuais “como desinteressadas pelo contexto social, individualistas e alienadas”, em comparação com as gerações anteriores, “mitificadas como gerações mais compreensivas, engajadas e generosas” (DAYRELL, 2005, p. 54).

Paulo Freire defende o conhecimento como uma forma de libertação do indivíduo, desse modo o docente precisa estar preparado e ter consciência de sua missão libertadora. “Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 1997, p.95).

Desse modo entende-se a amplitude da práxis educativa da modalidade de ensino EJA, de certa forma a mesma permite ao educando a oportunidade de reescrever sua história, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico, do raciocínio lógico e a estruturação dos saberes, pode-se dizer que a Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma forma de oferecer uma segunda chance ao sujeito de realocar seu lugar no mundo. Souza (2012) corrobora afirmando que “a prática pedagógica interage com os fenômenos políticos, sociais, culturais e educativos, no qual o educando está inserido, de maneira que a prática docente é uma vertente dessa totalidade”. Já Souza (2012 apud Freire, 1974, p. 40) afirma que:

A práxis [...] é reflexão e ação dos humanos sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor oprimido. Desta forma, esta superação exige a inserção crítica dos oprimidos na sociedade opressora, com que objetivando-a, simultaneamente, atuam sobre ela. (SOUZA apud, FREIRE, 1974, p. 40).

Oliveira esclarece que: A “EJA não nos remete apenas a uma questão de especificidade etária, mas, primordialmente, a uma questão de especificidade cultural”. Para

autora na reflexão sobre os pensamentos de aprendizagem dos jovens e adultos, “envolve transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-crianças”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais”. (OLIVEIRA, 1999. p. 59-60). Por sua vez, Martins, retrata que:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e tentamos resolver os problemas que se apresentam – aí então estamos procedendo a leitura, as quais nos habilitam basicamente a ler tudo e qualquer coisa. (MARTINS, 1994, p.17).

A práxis educativa vai além da inserção de jovens e adultos em um mundo alfabetizado, a prática diária da motivação dos mesmos tem papel decisório na permanência na escola do aluno da educação de Jovens e Adultos – EJA. Schwartz afirma que: “O modo de iniciar uma aula pode ter potencial determinante para a construção e o estabelecimento do clima motivacional propício para a aprendizagem de todos os alunos [...]” (SCHWARTZ, 2013, p.188). Entender a trajetória de vida do aluno da modalidade de educação EJA, valorizando sua determinação, fazendo-os enxergar o quanto são fortes, guerreiros, que por mais que tenham enfrentado ou ainda enfrentam tantas dificuldades na vida, não perderam as esperanças, e vêem na educação a oportunidade de melhorias. Quando o docente consegue proporcionar a dignidade buscada por aqueles que se sentem excluídos, fazendo-os compreender que são cidadãos portadores dos mesmos direitos e deveres que os demais seres humanos, praticam um ato de amor. Desse modo Freire (2005, p. 40) se manifesta:

[...] passa a ser um ato de amor àqueles. Quando, para ele os oprimidos deixam de ser designação abstrata e passam a ser homens concretos, injustiçados e roubados. Roubados na sua palavra, por isto no seu trabalho comprado, que significa a sua pessoa vendida. Só na plenitude deste ato de amar, na sua existenciação, na práxis, se constitui a solidariedade verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objetive, é uma farsa (FREIRE, 2005, p. 40).

Enfim, sobre o poder transformador da educação. Freire (1978, p. 68) expõe que “a prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminada tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado”. Ou seja, segundo Freire trabalhar práxis educativa pautada na prática do pensar, é capaz de proporcionar aos alunos no processo de ensino aprendizagem uma aquisição de conhecimentos de forma crítica e reflexiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transportar memórias antigas por meio da escrita do memorial, relatando a visão crítica e reflexiva sobre toda trajetória acadêmica até os dias atuais, proporcionou uma imensa gratificação, olhar para o passado com os olhos do presente desperta-nos para uma eterna gratidão.

Percebemos por meio da abordagem sobre modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos – EJA, o quão é essencial essa modalidade para a sociedade. Oferecer uma segunda chance para aqueles que por muito tempo sofreram com a discriminação, além de viverem em desvantagens e vários aspectos devido à falta de estudos e conseqüentemente de conhecimentos, é proporcionar a oportunidade de reescrever a própria história.

Neste contexto ficou notória a importância da capacitação docente para atuar nesta modalidade de ensino, o objetivo é a alfabetização e inserção no contexto social, assim não cabe atuar com os mesmos moldes do ensino regular, uma vez que, a modalidade EJA abarca uma diversidade cultural imensa. Além de seres jovens e adultos que possuem uma experiência de vida, os mesmos vêm a escola de forma distinta, diferentemente das crianças e jovens do ensino regular em idade escolar.

O professor deve realizar uma reflexão no sentido de compreender e buscar a construção de indicativos que aprofundam a proposta teórica e metodológica de ensino, que é um grande desafio, pois garantir a permanência do aluno que retorna à escola é de suma responsabilidade. A proposta metodológica Freiriana “Tema Gerador” é uma importante ferramenta no processo de ensino aprendizagem do aluno da EJA, pois a abordagem de uma problematização desperta no educando uma curiosidade e necessidade de aquisição de novos conhecimentos, a fim de analisar e compreender a realidade do mundo no qual estão inseridos. Neste sentido Schwartz, retrata que:

A educação de Jovens e Adultos deve ser orientada no sentido de despertar no aluno a consciência da importância de alfabetizar-se, de instruir-se. E essa necessidade será despertada também a partir da compreensão crítica da sua realidade e da sociedade em que está inserido. Por isso, precisam partir de elementos que compõem a realidade do alfabetizando, seu mundo do trabalho, suas relações sociais, suas crenças, seus valores. (SCHWARTZ, 2013, p.74).

Contudo observa-se a importância do papel do educador na modalidade de ensino EJA, sendo agentes preponderantes do desenvolvimento daqueles que buscam uma segunda chance no caminho escolar, motivo pelo qual Freire afirma que “[...] na formação permanente

de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática [...]”. “Como educador de adultos deve-se “saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com esse saber”. (FREIRE, 2015, p. 40-61). Freire diz:

Minha presença de professor, que não pode passar despercebida dos alunos na classe e na escola, é uma presença em si política. Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções. Devo revelar aos alunos a minha capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper (FREIRE, 1996, p. 98)

Desse modo “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2015, p. 25).

Portanto Freire esclarece que trabalhar na alfabetização de jovens e adultos é apresentar na prática uma gama de possibilidades nas quais os próprios alunos trabalhem na construção dos seus saberes, é compreenderem que “sua presença no mundo seja a de quem nele se insere e não a de quem a ele se adapta. Que seja a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história” (FREIRE, 2015, p.53).

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, G. R. P.; A Importância da Educação na Velhice: alunos idosos na EJA. **UFRGS**. Rio Grande do Sul, N.5, 2016. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/niepeeja/AIMPORTNCIADAEDUCAONAVELHICE.pdf>. Acesso em: 30 out. 2021
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. As diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 16 out. 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos**. MEC /SECAD. Brasília, 2006.
- CABRAL, R. M.; BIANCHINI, L. G. B.; GONÇALVES, T. G. G. L. Educação especial e educação de jovens e adultos: uma interface em construção? **Revista Educação Especial**. Santa Maria, v. 31, n. 62, jul./set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X30841>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/30841/pdf>. Acesso em: 27 out. 2021.
- CAPUCHO, V. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.
- CONRADO, B.; QUADROS, S. C. **O tema gerador freireano e a construção do conhecimento pelos professores da EJA em Caxias do Sul**. Caxias do Sul - RS, out. 2014. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/321-0.pdf. Acesso em: 28 out. 2021.
- DAYRELL, J. T. A juventude e a Educação de Jovens e Adultos: Reflexões iniciais. Novos sujeitos. In: SOARES, L. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Autêntica Editora. 2005.
- FREIRE, P. **Consciência e história: a práxis educativa de Paulo Freire: antologia**. São Paulo: Loyola. 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FEITOSA, S. C. S. **Método Paulo Freire princípios e práticas de uma concepção popular de educação**. Orientador Prof. Dr. Moacir Gadotti, 1999, 100f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/141>. Acesso em: 28 out. 2021.
- FERREIRA, F. F.; CUNHA, N. B. Desafios e Evolução da EJA no Brasil. **Revista UNINGÁ** Maringá – PR, n.40, p. 137-147 abr./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.uninga.br/index.php/uninga/article/view/1164/786>. Acesso em: 25 out. 2021.

GESTÃO EM FOCO: Gestão escolar de Educação de Jovens e Adultos: aspectos legais e pedagógicos- Unidade 02: Diversidade na EJA: valorizando os diferentes saberes. Paraná, 2018. Portal: Secretaria da Educação/Paraná/Gestão Escolar Dia a Dia. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/gestao_em_foco/educacao_jovens_adultos_unidade2.pdf. Acesso em 20 out. 2021.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. Escolarização de jovens e adultos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 108-194, mai/ jun/jul/ago 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 out. 2021

HADDAD, S.; SOUZA, A. C.; SILVA, M. J. P.; DI PIERRO, M. C.; MACHADO, M. M.; NALLES, M.; CUKIERKORN, M. M. O. B. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)**. Série Estado do Conhecimento, n. 8. Brasília-DF: Editoria Inep/MEC/Comped, 2002. (140 p.).

HARACEMIV, S. M. C.; SOEK, A. M.; SOARES, I. Pedagogia da autonomia de Paulo Freire e suas aplicações na educação de jovens e adultos: estudo das relações educandos-educadores. **Researchgate**. Pampulha - MG, 2018. DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89537. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329553189_pedagogia_da_autonomia_de_paulo_freire_e_suas_aplicacoes_na_educacao_de_jovens_e_adultos_estudo_das_relacoes_educandos-educadores. Acesso em: 30 out. 2021.

LEITE, S. F. **O direito à Educação Básica para Jovens e Adultos da Modalidade EJA no Brasil: um Resgate Histórico e Legal**. 1. ed. Campinas: editora CRV, 2013.

LIMA, C. L.; OLIVEIRA, P. P.; **A Prática Pedagógica no Centro Educacional do Jovem e o Papel da Educação Para Os Jovens Em Conflito Com A Lei**. Orientadora: professora Isolda Ayres Viana Ramos. 2014. Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/3457/1/CLL15022018.pdf>. Acesso em: 31 out. 2021.

LIRA, K. C. G.; SILVA, M. S.; **A Prática Pedagógica Docente na EJA**. Orientadora Eliete Santiago, Dissertação (Trabalho de Conclusão de Curso) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco. [2015?]. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/39399/2405255/LIRA%3B+SILVA%3B+SANTIAGO+-+2015.2.pdf/f2b188c4-92c8-47ab-bff5-713f7010d37c#:~:text=A20prC3A1tica> . Acesso em: 31 out. 2021.

MACIEL, F.I.P.; SANTOS, S. M. **Educação de Jovens e Adultos II**. Coleção Pedagogia a Distância UFU/ UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil, 2021. (32 p).

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO (MEC) BRASIL. **Referenciais de qualidade para cursos à distância**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

OLIVEIRA, G. A. **A Educação de Jovens e Adultos**: Avanços e Desafios. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 08, Vol. 03, pp. 126-138.

OLIVEIRA, P. C.; CARVALHO, P. Alguns elementos da antropologia de Paulo Freire. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Pouso**. Alegre-RJ. Volume 04 - Número 10, 2012. Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao10/alguns_elementos_da_antropologia_de_paulo_freire.pdf. Acesso em: 29 out. 2021.

PAULA, C. R.; OLIVEIRA, M. C. **Educação de jovens e adultos: a educação ao longo da vida**. Curitiba: Ibplex, 2011.

PAULO FREIRE contemporâneo - parte 1. Toni Venturi, [s. l.: s. n.], 2006. 1 vídeo (25min16s). produção: Tv Escola e Olhar Imaginário disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zYpNJ3gRNJY>. Acesso em: 21 out. de 2021.

PEREIRA, F. A.; ARAÚJO, G.C.; SILVA, S. B. **Educação de Jovens, Adultos e Idosos – Reflexões e Experiências Formativas**. Veranópolis - RS, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340137557_livro_educacao_de_jovens_adultos_e_idosos_book_youth_and_adult_education. Acesso em: 30 out. 2021.

PEREIRA, M. R. N. **Paulo Freire Ontem e Hoje**: da origem ao atual discurso do formador em educação de jovens e adultos do Instituto Paulo Freire. 1.ed. – Rio de Janeiro: Gramma, 2017.

PROJETO Cidadão Nota Dez quer diminuir número de analfabetos. **Jornal o Norte de Minas**. Montes Claros - MG, 26. Set. 2009. Publicidade Educação. Disponível em: <https://onorte.net/educa%C3%A7%C3%A3o/projeto-cidad%C3%A3o-nota-dez-quer-diminuir-n%C3%BAmero-de-analfabetos-1.514010>. Acesso em: 16 out. 2021.

REVOREDO, M.; SOUZA, R. J. S. **Família e escola**: em busca da formação do leitor. São Paulo - SP. [201-?], Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/IICILLIJ/7/Trabalhocompleto-CILLIJ-MarianaRevoredo.pdf>. Acesso em 28 out. 2021.

RIBEIRO, J. B. **As estratégias de aprendizagem na educação de jovens e adultos**. Orientadora: Dra. Susana Gakyia Caliatto. 2014. 63f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre - MG, 2014. Disponível em: <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/163.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

ROCHA, R. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. 1. Ed. São Paulo – SP: Salamandra Consultoria Editorial Gráfica e Editora, 1976, p. 14-15.

RODRIGUES, M. E. C.; Tema Gerador. **Forumeja**. Goiânia-GO, 2003. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br/go/files/tema_gerador_retorno_da_pesquisa.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SANTOS, Juliana Silva dos. OS sujeitos estudantes da EJA: um olhar à diversidade. In: UFSC. **Alfaejablog**. [Santa Catarina], 2017. Disponível em: https://alfaejablog.files.wordpress.com/2017/05/juliana-silva-dos-santos_os-sujeitos-estudantes-da-eja-um-olhar-c3a0-diversidade.pdf. Acesso em: 28 out. 2021.

SANTOS, S. M. - **Educação de Jovens E Adultos I** - Coleção Pedagogia a Distância UFU/UAB. Uberlândia-MG: Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Aberta do Brasil.

SCHWARTZ, S. **Alfabetização de Jovens e Adultos**. 3ºed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SILVA, E. **A EJA e a diversidade dos sujeitos que a compõe**. Orientadora: Profª Drª Jandicleide Evangelista Lopes. 2014. 18f. Dissertação (Pós-Graduação) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná Curitiba – PR, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47215/R%20-%20E%20-%20EDIMARA%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 out. 2021.

SILVA, C. R. A. **Tendências e desafios do ensino de geografia da Educação De Jovens e Adultos**. Orientador: Profº. Drº. Antonio Carlos Pinheiro, 2015, 50f. Dissertação (Trabalho de conclusão de curso). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – PB, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1282/1/CRAS26092016.pdf>. Acesso em 20 out. 2021.

SILVA, N. T.; SANTOS, T. M. A diversidade na educação de jovens e adultos. **UNIVALE**. Governador Valadares-MG. [2019?], Disponível em: https://www.univale.br/wp-content/uploads/2019/09/PEDAGOGIA-2017_1-A-DIVERSIDADE-NA-EDUCA%C3%87%C3%83O-DE-JOVENS-E-ADULTOS-NILMARA-THAIS-DA-SILVA.pdf. Acesso em: 20 de out. 2021.

SOUSA, J. C.; **A Práxis Existencial Político-Pedagógica do Educador da EJA**. Orientação do Prof. Dr. Renato Hilário Reis, 2012, 156f. Dissertação (Pós-Graduação) Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2012. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11442/1/2012_JeaneChagasSousa.pdf. Acesso em: 31 out. 2021.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Coleção educação para todos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. (362 p.).

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea**. Coleção educação para todos. Brasília: UNESCO, MEC, 2004. (210 p.).

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Diversidade do público da EJA: Alfabetização e cidadania: revista de educação de jovens e adultos, nº 19. Brasília: RAAAB, UNESCO, Governo Japonês, 2006.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 2003.